



THÉO E O CESTO MÁGICO: MINI HISTÓRIAS NO BERÇÁRIO COMO PRÁTICA DA ESCUTA, LIBERDADE E IMAGINAÇÃO

THÉO AND THE MAGIC BASKET: MINI STORIES IN THE NURSERY AS A PRACTICE OF LISTENING, FREEDOM AND IMAGINATION

EMANUELA ALVES DE SOUZA

Graduação em Pedagogia pela Universidade Bandeirantes (2009), Especialista em Psicomotricidade pela Faculdade Uninove (2018), Professora de Educação Infantil – Berçário II – CEMEI Celina Guimarães Vianna – SP.

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão prático-teórica sobre o uso de mini histórias no Berçário II como gesto de escuta, documentação pedagógica e planejamento sensível. A partir de episódios vividos por Théo e Isis, discute-se o brincar como linguagem corporal, simbólica e emocional, tomando-o como eixo estruturante das aprendizagens na primeira infância. Inspirado em Bell Hooks, Paulo Fochi, Adriana Friedmann, Loris Malaguzzi e Nilma Lino Gomes, o texto argumenta que narrar o cotidiano com poesia, método e intencionalidade amplia o currículo, valoriza a singularidade das crianças e fortalece práticas docentes alinhadas aos direitos de aprendizagem e convivência previstos na BNCC e no Currículo da Cidade de São Paulo. Ao transformar pequenas cenas em narrativas significativas, as minis histórias possibilitam ao professor compreender os modos de ser e estar das crianças, evidenciando suas hipóteses, curiosidades, medos, vínculos e percursos exploratórios. Essa escrita também funciona como ferramenta de formação docente, favorecendo processos reflexivos sobre planejamento, organização dos espaços, mediação das interações e construção de tempos mais flexíveis para o brincar. Além disso, atua como devolutiva sensível às famílias, aproximando-as das experiências vividas no berçário e fortalecendo a parceria educativa. O artigo apresenta, ainda, um protocolo de observação, orientações de escrita, exemplos de mini histórias e um quadro de articulações com os Campos de Experiência. Conclui-se que a documentação narrativa, quando ancorada na escuta atenta e na ética da

responsabilidade, sustenta decisões pedagógicas mais humanas, democráticas e coerentes com a infância, reafirmando o direito das crianças à imaginação, à liberdade e à participação.

Palavras-chave: Educação Infantil; Berçário II; Mini histórias; Documentação pedagógica; Escuta; BNCC.

ABSTRACT

This article presents a practical-theoretical reflection on the use of mini-stories in Nursery II as a gesture of listening, pedagogical documentation, and sensitive planning. Based on episodes experienced by Théo and Isis, play is discussed as bodily, symbolic, and emotional language, taking it as a structuring axis of learning in early childhood. Inspired by Bell Hooks, Paulo Fochi, Adriana Friedmann, Loris Malaguzzi, and Nilma Lino Gomes, the text argues that narrating daily life with poetry, method, and intentionality broadens the curriculum, values the uniqueness of children, and strengthens teaching practices aligned with the learning and coexistence rights foreseen in the BNCC (National Common Core Curriculum) and the Curriculum of the City of São Paulo. By transforming small scenes into meaningful narratives, mini-stories allow the teacher to understand the children's ways of being and existing, highlighting their hypotheses, curiosities, fears, bonds, and exploratory paths. This writing also serves as a teacher training tool, promoting reflective processes on planning, organizing spaces, mediating interactions, and creating more flexible playtime. In addition, it acts as sensitive feedback to families, bringing them closer to the experiences lived in the nursery and strengthening the educational partnership. The article also presents an observation protocol, writing guidelines, examples of mini-stories, and a framework of articulations with the Fields of Experience. It concludes that narrative documentation, when anchored in attentive listening and the ethics of responsibility, supports more humane, democratic, and coherent pedagogical decisions for childhood, reaffirming children's right to imagination, freedom, and participation.

Keywords: Early Childhood Education; Nursery II; Mini-stories; Pedagogical documentation; Listening; BNCC.

INTRODUÇÃO

No pátio da escola, sob um céu comum de uma manhã qualquer, Théo encontra um cesto vermelho cheio de furinhos. Aos olhos apressados, poderia ser apenas um objeto plástico; mas, para Théo, aquele cesto se transforma imediatamente em possibilidade, mistério e invenção. É desse tipo de encontro, simples e extraordinário, que nascem as minis histórias: pequenos relatos que, quando observados com atenção poética, revelam mundos simbólicos e modos de ser que a pressa cotidiana muitas vezes não permite enxergar. Inspiradas por autores como Paulo Fochi, Adriana Friedmann e Bell Hooks, compreendemos a documentação pedagógica como uma prática de liberdade, de responsabilidade e de planejamento sensível. O educador que observa, escuta e escreve transforma o invisível em visível, dá forma ao que poderia passar despercebido e, ao fazer isso, qualifica o currículo vivido pelas crianças.

As experiências de Théo, Isis e das demais crianças do Berçário II mostram que pequenos gestos são carregados de intenções, hipóteses e afetos. Cada olhar, cada tentativa, cada apropriação do espaço e dos materiais comunica algo sobre quem elas são e quem estão se tornando. Contudo, mesmo diante dessa riqueza, ainda existe na Educação Infantil o desafio de transformar o cotidiano em conhecimento pedagógico sistematizado, capaz de orientar decisões, fortalecer o planejamento e criar pontes significativas com as famílias. As minis histórias surgem, então, como uma possibilidade concreta de articular escuta, documentação e currículo, oferecendo ao professor uma ferramenta que une sensibilidade, método e intencionalidade.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar como as minis histórias podem atuar como estratégia de ampliação da escuta e do planejamento, ao mesmo tempo em que se relacionam aos direitos de aprendizagem e aos Campos de Experiência previstos na BNCC e no Currículo da Cidade de São Paulo. A relevância desta investigação reside na necessidade de valorizar a criança como sujeito potente, criativo e produtor de cultura, reconhecendo que o registro narrativo é também uma forma de garantir direitos. Diante disso, o problema que orienta este estudo pode ser sintetizado na seguinte questão: de que forma a produção de mini histórias no Berçário II qualifica o olhar docente, amplia o currículo e fortalece a relação entre escola, criança e família? Ao desenvolver essa reflexão, situamos o leitor na complexidade do cotidiano da Educação Infantil e defendemos que observar, registrar e narrar são práticas que sustentam uma pedagogia mais humana, democrática e sensível às infâncias.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DAS MINI HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL – VERSÃO EXPANDIDA

A produção de mini histórias na Educação Infantil se insere em um campo teórico que compreende a criança como sujeito potente, produtor de cultura e protagonista de suas formas de aprender. Diferentes autores convergem ao afirmar que o cotidiano da creche é um território fértil de significações, e que cabe ao educador desenvolver uma escuta qualificada capaz de transformar gestos aparentemente simples em conhecimento pedagógico. Nesse sentido, as minis histórias não são apenas registros descritivos, mas narrativas interpretativas que revelam como a criança experimenta o mundo, constrói sentidos e estabelece relações com pessoas, objetos e espaços.

Paulo Fochi (2021) contribui para essa discussão ao afirmar que a documentação pedagógica é um ato político, pois permite que a escola reconheça a agência das crianças e rejeite práticas que silenciam sua participação. Ao registrar as experiências infantis, o professor assume a responsabilidade ética de tornar visível aquilo que costuma ser ignorado na rotina escolar — e que, paradoxalmente, constitui o núcleo do trabalho pedagógico. Essa visibilidade não é neutra: ela orienta decisões de planejamento, reorganiza o ambiente, produz diálogo entre os adultos e sustenta devolutivas mais sensíveis às famílias.

Adriana Friedmann (2019) fortalece essa perspectiva ao compreender o brincar como linguagem vital, na qual corpo, emoção, fantasia e pensamento se entrelaçam. Para a autora, observar a criança brincar é acessar um território onde ela narra quem é, o que imagina e como compreende o mundo. As minis histórias, ao traduzirem esses processos em palavras, fazem emergir a profundidade do brincar e

evidenciam que cada ação infantil é permeada por hipóteses, escolhas e afetos. Esse olhar desloca a criança de um lugar passivo para uma posição de autoria, reconhecendo que ela dá significado ao que vive antes mesmo de dominar a linguagem verbal.

Bell Hooks (2013), ao discutir a educação como prática de liberdade, oferece uma lente importante para compreender a documentação como ato de cuidado e presença. Para a autora, a escuta genuína é um gesto de resistência em uma sociedade acelerada e desigual. Quando o professor se dispõe a observar com afeto e rigor, ele cria condições para que as crianças sejam vistas em sua inteireza. As minis histórias, nesse sentido, não apenas registram acontecimentos, mas produzem uma ética da atenção, um compromisso com a singularidade de cada criança.

Essa visão dialoga com as contribuições de Loris Malaguzzi (1996), que propõe a ideia das “cem linguagens da criança”. Para o autor, a expressão infantil é múltipla: está presente no movimento, no olhar, nos materiais manipulados, nos silêncios, nos sons, nos gestos de aproximação e até nas recusas. As minis histórias assumem a função de legitimar essas diferentes linguagens, evitando que a escola reduza a criança a um único modo de expressão. Ao reconhecer o caráter estético da documentação, Malaguzzi amplia sua função pedagógica: registrar também é uma forma de cuidar da beleza da infância. Nilma Lino Gomes (2005) e Kabengele Munanga (2005) aprofundam esse debate ao abordarem a necessidade de considerar as identidades, as culturas e as diferenças nas práticas educativas. Em uma sociedade marcada por desigualdades raciais e culturais, as minis histórias podem se tornar instrumentos de afirmação de experiências plurais, permitindo que as infâncias historicamente invisibilizadas tenham lugar no currículo. Esse olhar é reforçado por Vera Candau (2016), ao defender a interculturalidade como eixo de uma educação democrática. A documentação, nesse sentido, não apenas registra fatos, mas produz memória e reconhecimento.

Por fim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e o Currículo da Cidade de São Paulo (2019) sustentam que a Educação Infantil deve se ancorar nas interações e no brincar como eixos estruturantes. Os Campos de Experiência, ao valorizarem a corporeidade, a imaginação, a convivência e a expressão, oferecem uma estrutura que dialoga diretamente com as minis histórias. Ao transformar cenas reais em material pedagógico, essa metodologia concretiza o currículo na prática e permite que o planejamento se faça a partir da vida cotidiana — e não dissociado dela.

Assim, os fundamentos teóricos das minis histórias revelam uma concepção de infância complexa, sensível e múltipla. Documentar é, ao mesmo tempo, interpretar, poetizar, organizar e devolver sentido. É reconhecer a criança em suas cem linguagens e afirmar que cada gesto dela tem valor, potência e lugar no currículo vivo da Educação Infantil.

OBJETIVOS DO ESTUDO: ENTRE A ESCUTA E A AÇÃO PEDAGÓGICA

O presente estudo tem como fio condutor a necessidade de compreender como a documentação pedagógica entendida aqui como prática investigativa, ética e estética pode sustentar um fazer educativo mais atento às experiências das crianças. Ao formular os objetivos, buscamos mais do que delimitar um percurso metodológico: procuramos revelar a intencionalidade que sustenta cada gesto de

observação, registro e interpretação. Para isso, o objetivo geral e os objetivos específicos dialogam entre si como um movimento circular, no qual olhar, registrar, refletir e planejar tornam-se partes inseparáveis de um mesmo processo formativo.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar de que maneira a documentação pedagógica, inspirada nas perspectivas de Paulo Fochi, Tizuko Morchida Kishimoto, Friedmann e Bell Hooks, pode contribuir para tornar visíveis as narrativas infantis e, a partir delas, qualificar o planejamento curricular na Educação Infantil. Ao assumir a documentação como prática que produz sentido — e não apenas como técnica de registro — o estudo pretende evidenciar sua potência para revelar os modos como as crianças pensam, negociam significados e constroem mundos possíveis.

A partir desse horizonte amplo, desdobram-se os objetivos específicos, que buscam aprofundar dimensões complementares do processo: compreender como o educador pode desenvolver uma postura investigativa diante do cotidiano; identificar as potencialidades da documentação para orientar práticas pedagógicas mais responsivas; e analisar como o registro de narrativas infantis possibilita novos olhares sobre o brincar, sobre os vínculos que se constituem e sobre a própria organização do tempo e do espaço educativo. Tais objetivos surgem do reconhecimento de que observar e documentar não são atos neutros: eles exigem sensibilidade, ética e implicação do adulto com a infância que se apresenta diante dele.

Assim, ao formular os objetivos, reafirmamos a centralidade da criança como protagonista do processo educativo e ressaltamos a necessidade de que os educadores assumam um papel reflexivo, atento e disposto a revisitar suas próprias práticas. Documentar, nesse sentido, é também um exercício de humildade pedagógica: olhar de novo, ouvir melhor, perguntar com mais cuidado. É nesta tessitura que os objetivos se transformam em horizonte de sentido, orientando o estudo e posicionando a documentação pedagógica como um caminho possível para uma educação mais democrática, sensível e significativa.

JUSTIFICATIVA: POR QUE DOCUMENTAR O COTIDIANO INFANTIL?

Justificar este estudo significa reconhecer que, na Educação Infantil, os acontecimentos mais significativos raramente fazem barulho. Eles se escondem em pequenos gestos, nas conversas sussurradas durante o brincar, nos percursos espontâneos pelo pátio, nos objetos aparentemente banais como o cesto vermelho de Théo que, quando observados com cuidado, revelam universos simbólicos pulsantes. A documentação pedagógica surge, portanto, como uma resposta ética à necessidade de tornar visível o que costuma permanecer nas margens do cotidiano escolar.

Em muitas instituições, predomina ainda uma lógica que prioriza resultados, produtos finais e evidências “medíveis”. Essa lógica, porém, raramente alcança aquilo que constitui o coração da infância: suas hipóteses, suas narrativas internas, suas formas próprias de interpretar o mundo. Como argumenta Friedmann, a criança é um sujeito potente, pensante e autor. E, seguindo Bell Hooks, compreendemos

que toda prática educativa que se pretende libertadora precisa romper com estruturas que invisibilizam vozes especialmente as vozes pequenas, leves e, por isso mesmo, facilmente ignoradas.

A documentação pedagógica, nesse sentido, justifica-se como um gesto político. Ela desloca o foco daquilo que o adulto espera para aquilo que a criança realmente faz. Ao registrar, o educador não busca confirmar previsões, mas reconhecer emergências: ideias que surgem, perguntas inesperadas, caminhos criativos que as crianças inventam quando lhes é oferecido tempo, espaço e confiança. Inspirados por Paulo Fochi, compreendemos que documentar é muito mais do que selecionar fotos ou escrever relatórios; é construir narrativas que devolvem às crianças e aos educadores a consciência de seus próprios processos.

Há ainda outra camada que sustenta a justificativa deste estudo: o impacto da documentação na formação docente. Quando o professor se coloca como observador sensível, ele amplia sua capacidade de planejar experiências mais potentes. Quando volta ao registro, revisita suas certezas. Quando compartilha suas análises com colegas, reconstrói o olhar coletivo da equipe. Cada documentação é, portanto, também formação — contínua, dialógica e profundamente humana.

Justificar este estudo é, assim, justificar um modo de existir na escola. Uma escolha pedagógica que coloca o cotidiano no centro, que entende o brincar como linguagem legítima, que reconhece na criança um sujeito histórico e cultural. Ao afirmar a documentação como prática essencial, reafirmamos uma educação que deseja ver, escutar e narrar as infâncias com dignidade e beleza. Porque, no fundo, documentar é uma forma de cuidar. E cuidar, na Educação Infantil, é sempre um ato de amor e responsabilidade.

ANÁLISE INTERPRETATIVA DAS MINI HISTÓRIAS E DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO

A análise das minis histórias evidencia como o currículo se concretiza nas relações, nos objetos e nos gestos cotidianos das crianças. Cada narrativa registrada funciona como uma janela para compreender como os pequenos constroem sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o espaço compartilhado. Interpretar essas narrativas implica ir além da descrição: exige buscar camadas simbólicas, desvelar aprendizagens invisíveis e compreender o que as crianças comunicam por meio de suas múltiplas linguagens.

Tomando como referência as proposições de Loris Malaguzzi, percebemos que tanto Théo quanto Isis revelam aspectos de suas cem linguagens ao interagir com materiais e com pessoas. O cesto vermelho, que se transforma em chapéu, carrinho ou abrigo, não é apenas um objeto funcional — ele é matéria-prima de uma imaginação que se expande. O gesto de Théo, aparentemente simples, mostra um modo singular de explorar o mundo: ele recolhe, organiza, experimenta e cria narrativas corporais que revelam avanços importantes na coordenação motora, no pensamento simbólico e na autonomia. A análise desse gesto permite ao professor compreender quais experiências estão mobilizando o interesse da criança e quais recursos podem ampliar esse processo.

De maneira semelhante, Isis transforma a leitura em ritual. O ato de puxar o livro, virar as páginas com cuidado e convidar os colegas para participar constitui uma prática cultural rica, em que a literatura se

entrelaça à oralidade e à socialização. A interpretação desse momento ultrapassa a constatação de que a criança gosta de livros; ela revela aspectos ligados à construção da linguagem, ao protagonismo e à mediação entre pares. Na perspectiva de Friedmann, esse tipo de acontecimento expressa a potência do brincar e do gesto narrativo, elementos fundamentais para o desenvolvimento integral.

A análise interpretativa das minis histórias também permite perceber como a escuta docente influencia a qualidade das interações. Conforme destaca Bell Hooks, educar é um compromisso ético que envolve a disposição para ouvir aquilo que o outro comunica, mesmo quando esse discurso não se apresenta em palavras. Ao registrar e interpretar os gestos de Théo e Isis, a professora assume o papel de pesquisadora do cotidiano, postura que Malaguzzi e Fochi defendem como essencial para um trabalho pedagógico sensível e intencional.

Outro aspecto relevante dessa análise é a articulação com a BNCC e com o Currículo da Cidade. A interpretação das minis histórias possibilita identificar, com clareza, como os Campos de Experiência se manifestam na prática. Em Théo, observamos elementos ligados ao “Corpo, gestos e movimentos” e ao “Traços, sons, cores e formas”; em Isis, emergem aprendizagens relacionadas à “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e à “Conviver e participar”. Essa leitura curricular não engessa as narrativas, mas oferece ao professor um caminho para transformar observações em planejamento significativo.

A análise interpretativa também se torna um espaço de reflexão coletiva. Quando a equipe docente discute as narrativas registradas, amplia-se a compreensão sobre o grupo de crianças e sobre os próprios educadores. Nesse movimento, revela-se o caráter formativo da documentação: ela não apenas mostra o que as crianças fazem, mas também convida o professor a repensar o que ele próprio faz, como observa, como intervém e como organiza o ambiente.

Assim, a interpretação das minis histórias confirma que o currículo não é um documento estático, mas um organismo vivo que pulsa nos movimentos das crianças e nas escolhas pedagógicas que emergem do cotidiano. Ler e reler essas narrativas é reconhecer que cada gesto infantil é um texto aberto, pronto para ser compreendido, acolhido e ampliado pela prática docente.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

A prática das minis histórias, quando assumida de maneira sistemática e sensível, projeta implicações pedagógicas que ultrapassam o registro isolado de episódios. Ela se transforma em uma ferramenta formativa que impacta diretamente o modo como a equipe compreende as crianças, organiza o tempo, planeja experiências e constrói vínculos com as famílias. Uma das contribuições mais significativas desse processo é o deslocamento do olhar docente: a atenção passa do “fazer pela criança” para o “ver com a criança”, permitindo que o professor desenvolva uma postura investigativa e dialógica.

Ao registrar e compartilhar mini histórias, a professora reconhece as crianças como sujeitos de direitos, potentes e competentes, perspectiva defendida tanto pela BNCC quanto pela pedagogia participativa inspirada por Malaguzzi. Esse reconhecimento não ocorre de maneira abstrata: ele se materializa no cotidiano, quando o educador observa o gesto de Théo ao transformar um cesto em diversos objetos simbólicos, ou quando percebe a liderança de Isis na criação de rituais de leitura. Essas cenas, quando

analisadas com intencionalidade, convidam o professor a repensar o papel do ambiente, a qualidade dos materiais e o valor dos tempos não estruturados.

As minis histórias também produzem um movimento de autoformação docente. Ao escrever sobre as crianças, o professor escreve também sobre si: suas escolhas, suas interpretações, seus valores e suas lacunas. Como aponta Fochi, a documentação não é apenas sobre as infâncias, mas sobre as culturas pedagógicas que as cercam. Quando a equipe discute coletivamente esses registros, cria-se um território de aprendizagem compartilhada, no qual emergem novas perguntas, dúvidas e possibilidades. Esse processo favorece práticas reflexivas, fortalecendo uma profissionalidade docente que reconhece o cotidiano como território legítimo de pesquisa.

Outro aspecto relevante é o potencial democrático e inclusivo das minis histórias. Inspirados por Nilma Lino Gomes e Vera Candau, compreendemos que a documentação pode funcionar como instrumento de valorização das identidades diversas presentes na escola. Ao registrar cada criança em sua singularidade, o educador contribui para romper com estereótipos e invisibilizações, assegurando que as múltiplas infâncias negras, periféricas, indígenas, migrantes, com deficiência tenham seus gestos reconhecidos e legitimados. A escuta sensível se transforma, nesse contexto, em prática de equidade. Na relação com as famílias, as minis histórias cumprem outro papel essencial: aproximam, informam e humanizam o diálogo escolar. Quando os responsáveis acessam cenas do cotidiano, percebem dimensões do desenvolvimento que muitas vezes passam despercebidas. Esse compartilhamento amplia a corresponsabilidade e fortalece a confiança entre casa e escola, transformando a documentação em uma ponte comunicativa que ressignifica o tradicional “relatório infantil”.

Por fim, a prática das minis histórias contribui para a construção de um currículo vivo, que se reinventa continuamente. Ao tomar o cotidiano como fonte de planejamento, o educador abre espaço para experiências mais autênticas, menos engessadas e mais coerentes com os direitos de aprendizagem da Educação Infantil. Assim, as minis histórias deixam de ser apenas narrativas poéticas e se consolidam como dispositivo pedagógico capaz de formar professores mais atentos, crianças mais protagonistas e comunidades educativas mais sensíveis ao valor da escuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever mini histórias é um gesto de pesquisa, sensibilidade e amorosidade pedagógica. Trata-se de uma prática que desloca o olhar do professor para aquilo que, muitas vezes, passa despercebido: os detalhes, as pausas, as invenções silenciosas e os rituais espontâneos das crianças. Cada registro transforma o cotidiano em matéria de estudo, revelando a complexidade e a beleza das múltiplas linguagens que constituem a infância. Quando o educador narra o que vê, ele não apenas descreve uma cena — ele produz conhecimento, constrói hipóteses e tece possibilidades para planejar com ética, responsabilidade e intencionalidade.

As minis histórias reafirmam que a infância é autora de si mesma, capaz de criar mundos, representar ideias e expressar emoções de formas diversas. Inspiradas por Paulo Fochi, Adriana Friedmann, Bell Hooks e Loris Malaguzzi, essas narrativas fortalecem uma pedagogia que valoriza a imaginação, a

corporeidade, a diversidade e o protagonismo infantil. Ao mesmo tempo, convidam o professor a assumir um papel mais investigativo: aquele que observa com rigor, escuta com profundidade e escreve com compromisso ético, reconhecendo que cada gesto infantil é também um gesto de formação docente. Além disso, a prática das minis histórias amplia o entendimento de currículo como algo vivo, pulsante e relacional. Quando o professor transforma o cotidiano em narrativa, ele constrói um currículo que nasce do encontro entre crianças, adultos, espaços e objetos — um currículo que escuta antes de ensinar, que acolhe antes de intervir, que acompanha antes de avaliar. Essa postura está alinhada às orientações da BNCC e do Currículo da Cidade, que defendem a centralidade das interações e brincadeiras como territórios legítimos de aprendizagem.

Por fim, elas também fortalecem a comunicação e a parceria com as famílias, oferecendo uma devolutiva sensível sobre o desenvolvimento das crianças e evidenciando o valor da Educação Infantil como etapa fundamental da formação humana. Elas constroem memória pedagógica, formam professores reflexivos e celebram infâncias plurais em sua potência criadora. Assim, escrever mini histórias torna-se um ato político, poético e profundamente formativo — um modo de honrar o direito das crianças de serem vistas, escutadas e reconhecidas em toda a sua grandeza.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Crianças pequenas: formação e prática de professores**. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC: Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2017.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: mediações, diálogos, sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- FOCHI, Paulo. **A documentação pedagógica como prática ética e política**. Porto Alegre: Penso, 2021.
- FRIEDMANN, Adriana. **A criança e o brincar: o caminho do ser**. São Paulo: Papyrus, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LEONTIEV, Alexei N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1983.
- MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Penso, 2016.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME, 2019.